



OS  
CO  
MEN  
TÁR  
IOS  
DO  
AL

𓂏𓂐  
𓂑𓂒

𓂓𓂔𓂕𓂖𓂗

𓂘𓂙  
𓂚



FERNANDO LIGUORI

# DE REGIBUS & SERPENTIBUS: O EREMITA, O REI E A SERPENTE

DA SÉRIE: O OLHO DE HOOR

*Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

## INTRODUCTIO



os versículos 24, 25 e 26 do Capítulo II de LIBER AL VEL LEGIS, abre-se diante de nós um tríptico fulgurante da Alta Magia de Thelema: o Eremita que reina entre camas púrpuras e exércitos de alegria; o Rei escolhido que se opõe ao povo e governa com orgulho e cólera; e a Serpente Secreta que, ao se erguer ou ejacular seu veneno, une-se ora ao céu, ora à terra. Aqui, Nuit e Hadit se entrelaçam na manifestação de Ra-Hoor-Khuit: o iniciado é chamado a deixar a caverna da piedade, calcar os homens baixos e ascender ao êxtase da Verdadeira Vontade.

Esses três versos são peças complementares de uma mesma equação espiritual. O Verso 24 desfigura o arquétipo do *asceta* e revela o *Eremita* como aquele que, mesmo entre mulheres flamejantes, permanece inviolável: um *yogī* real no centro do turbilhão. O Verso 25 afirma a necessidade de oposição consciente ao *povo*, i.e. à massa amorfa de impulsos atávicos e coletivos que anulam a singularidade. O Iniciado deve se erguer como um Rei — não por direito hereditário, mas por força de sua Coroa Interior. O Verso 26, por sua vez, apresenta a Serpente como o símbolo máximo dessa realeza mágica: o poder secreto que, quando controlado, une céu e terra; quando liberado, sacode a realidade em êxtase cósmico.

O estudo aqui apresentado, com base nos comentários de Crowley, Motta e na doutrina thelêmica desenvolvida pela *Ordem dos Thelemitas*, articula

esses três versículos como revelações de uma metafísica solar e fálica, comparável ao *Śavismo* da Caxemira. Com rigor doutrinário, o texto mostra como Thelema ultrapassa a moral do rebanho e a religião dos fracos, restaurando a figura do magista como *rex et sacerdos*, mestre da serpente interior e soberano de sua estrela.

Ao leitor cabe agora atravessar estes portais como quem entra no palácio da serpente: entre camas ardentes, multidões hostis e explosões de veneno, está o caminho da realeza espiritual — o caminho de Hórus.

#### *In Purpura Solitarius: O Solitário em Púrpura*

Este título evoca o paradoxo central do Verso 24: o Eremita verdadeiro — aquele que vive apartado do mundo em essência — não se oculta em cavernas ou florestas, mas brilha em meio ao luxo, à guerra, ao prazer e à paixão. Ele é solitário não por reclusão, mas por realização interior. Sua púrpura não é vestuário mundano, mas sinal da soberania espiritual.

**24. Vede! estes são graves mistérios; pois há também de meus amigos quem são eremitas. Agora não penseis encontrá-los na floresta ou na montanha; mas em camas de púrpura, acariciados por magníficas bestas de mulheres com longos membros, e fogo e luz em seus olhos, e massas de cabelo flamejante em volta delas; lá vós os encontrareis. Vós os vereis governando, em exércitos vitoriosos, em toda a alegria; e haverá neles uma alegria um milhão de vezes maior que isto. Cuidado para que algum não force outro, Rei contra Rei! Amai-vos uns aos outros com corações ardentes; nos homens baixos pisai no enérgico ímpeto do vosso orgulho, no dia de vossa cólera.**

#### *Comentário de Crowley*

Um eremita é um que habita isolado no deserto, exatamente como uma alma, uma estrela,<sup>1</sup> ou um elétron na acridão do espaço-tempo. A doutrina aqui exposta é que o iniciado não pode ser poluído por qualquer ambiente particular. Ele aceita e desfruta tudo que é próprio à sua natureza. Assim, o caráter sexual de um homem é uma forma da sua auto-expressão; ele une Hadit com Nuit sacramentalmente quando satisfaz seu instinto de amor físico. Naturalmente, isto é apenas uma projeção parcial; governar, lutar, e assim por diante, deve satisfazer outras necessidades. Não devemos imaginar que qualquer forma de atividade seja *ipso facto*<sup>2</sup> incapaz de suprir os elementos de uma Eucaristia; *suum cuique*.<sup>3</sup> Observe-se, porém, o fator constante nesta enumeração das práticas próprias à «eremitas»: é deleite extático. Usemos uma analogia da Química. O oxigênio tem duas mãos (por assim dizer) para oferecer a outros elementos. Mas contraste-se o agarro cordial do hidrogênio

---

<sup>1</sup> [Nota de Motta]: Nem todas as estrelas, contudo. Veja LIBER ALEPH, 144.

<sup>2</sup> Latim: *pelo próprio fato* ou *por esse mesmo fato*. É usada para indicar que algo decorre diretamente de um fato anterior, sem necessidade de demonstração adicional.

<sup>3</sup> Latim: *a cada um o seu* ou *a cada um o que é seu*. Trata-se de um princípio de justiça distributiva, atribuído a Ulpiano, que significa dar a cada pessoa aquilo que lhe pertence por direito.

ou do fósforo com o fraco, relutante aperto do cloro! No entanto, hidrogênio e cloro se atiram apaixonadamente para abraçar um ao outro em loucura monogâmica! Não há «bom» ou «mau» no assunto; é a entusiástica energia de união, qual testemunha o desenvolvimento de calor, luz, eletricidade, ou música, e a estabilidade do composto resultante, que santifica o ato. Note-se também que a máxima alegria externa em qualquer fenômeno é sobrepassada um milhão de vezes pela alegria interna da realização que autossatisfação no mundo sensível é apenas um símbolo da universal sublimidade da fórmula «amor sob vontade».

As últimas duas sentenças exigem cuidadosa atenção. Há uma aparente contradição com os versos 59, 60. Nós devemos buscar reconciliá-los desta forma: Não se imagine que qualquer Rei pode morrer (verso 21) ou ser ferido (verso 59); luta entre dois Reis não pode, portanto, ser mais que um amigável teste de força. Nós somos todos inevitavelmente aliados, até mesmo idênticos em nossa variedade; «amai-vos uns aos outros com corações ardentes» é uma de nossas qualidades essenciais.

Mas quem então são os «homens baixos», uma vez que «todo homem e toda mulher é uma estrela»? O caso é este: há gente que se velou de si mesma tão profundamente que ressentia a presença nua de nós outros. Estamos lutando para libertá-los, para torná-los mestres como nós mesmos. Note-se verso 60, «para o inferno com eles»; isto é, empurremo-los para o «inferno» ou santuário secreto dentro de suas mentes conscientes. Lá habita «o verme que não morre e o fogo que não se apaga»<sup>4</sup>, isto é, «a secreta serpente enroscada a ponto de pular» e «a flama que queima em todo coração de homem» — Hadit. Em outras palavras, nós nos erguemos em guerra contra a falsidade; não é nossa culpa se aquela falsidade força o Rei que ela aprisionou a consentir em seus ditames, mesmo a crer que seus interesses são os de sua opressora, e a temer a verdade como Jehovah tinha medo da Serpente.

### *Comentário de Motta*

O que foi dito acima é bastante romântico, é claro; os Reis não estão «lutando para torná-los mestres como nós mesmos»; eles lutam — quando lutam — para evitar interferências em seus reinos. Os homens baixos, por não estarem conscientes de suas Verdadeiras Vontades, tendem a invadir os direitos e prerrogativas dos outros com frequência cansativa. Da ideia de «lutar para

---

<sup>4</sup> Paráfrase de MARCOS 9:44. Veja também ISAÍAS 66:24. O contexto de MARCOS 9:44 é uma exortação à renúncia radical do pecado, sob pena de ser lançado na Geena, o *lugar do castigo eterno*. A Geena (do hebraico *Ge-Hinnom*, *vale de Hinom*) era associada a um local de destruição e repulsa nos arredores de Jerusalém, e tornou-se símbolo do inferno. Em ISAÍAS 66:24, a última frase do livro profético ecoa o mesmo símbolo: *E sairão, e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne*. Esta visão apocalíptica de condenação e purificação está na origem do imaginário cristão do castigo eterno.

Na exegese thelêmica de Crowley, porém, tais imagens são ressignificadas: o *inferno* não é o tormento externo imposto por um deus moralista, mas o *santuário oculto da própria alma*, onde Hadit, *a flama que arde no coração de cada homem*, espera para ser reconhecido. Assim, o *verme* e o *fogo* tornam-se símbolos iniciáticos de autotransformação e não de punição extrínseca — ecoando a máxima thelêmica de que o Inferno é uma forma de Liberdade.

torná-los mestres como nós» até «lutar para salvá-los de si mesmos» e, finalmente, «morrer por seus pecados», a distância é mínima.

Você não pode «fazer um Rei» — note a palavra com inicial maiúscula. Um Rei faz a si mesmo. Um Rei é um homem que «porta a coroa», e a coroa tem sido sempre, é claro, o símbolo de um *sahashāra* ativado. A menos que o símbolo corresponda à realidade, o homem é um «rei» apenas de nome. Nenhuma igreja pode fazer um Rei, nenhum parlamento pode fazer um Rei. O Rei é, antes de tudo, Rei de sua própria alma. Depois disso, ele pode — ou não — ser governante sobre outros homens.

O conceito inteiro de realeza foi corrompido por dois mil anos de dogma. Isso faz com que até mesmo arqueólogos cometam erros grotescos. Por exemplo, hoje se sabe que as Pirâmides do Egito não foram construídas por «centenas de milhares de escravos sob o cruel chicote do capataz», como o sadomasoquismo característico do espírito escravo nos faria crer; elas foram construídas por grupos selecionados de operários que elegiam seus próprios capatazes e alegremente competiam entre si para ver qual grupo trabalhava mais rápido. Eles eram pagos com o tesouro real e alimentados com os grãos reais. Registravam suas próprias piadas e eventos do dia em pedra. Uma dessas inscrições foi traduzida por acadêmicos como significando que «alguns grupos estavam tão contentes por trabalhar para o Rei que, como disse um capataz posterior, trabalharam sem que um único homem ficasse exausto, sem que um homem sentisse sede», e por fim «voltaram para casa de bom humor, saciados de pão, embriagados de cerveja, como se fosse o belo festival de um deus». Tudo isso, é claro, de sua alegria por trabalharem para o Rei.

Isso é absolutamente besteira. O que o capataz escreveu, na verdade, foi um registro das condições de trabalho deles. «Sem que um homem ficasse exausto» significa, evidentemente, que suas horas de trabalho eram curtas, talvez cinco ou seis, com intervalos frequentes. «Sem que um homem sentisse sede» significa, evidentemente, que havia água potável disponível em abundância durante o expediente. E que ao final do dia voltavam para casa «saciados de pão e embriagados de cerveja, como se fosse o belo festival de um deus», significa, evidentemente, que o Rei garantia bastante comida e bebida para o almoço ou a refeição da tarde, antes que eles voltassem para casa à noite. Eles estavam felizes por trabalhar para o Rei não porque ele era Rei, mas porque ele os tratava como um homem decente e generoso deve tratar aqueles que trabalham para ele. Suas horas de trabalho eram mais curtas, e o tratamento que recebiam era melhor do que é comum em muitas comunidades «civilizadas» hoje em dia. Eles gostavam do seu Rei, e faziam piadas irreverentes sobre ele, como «O Rei está real e solenemente bêbado hoje». Sem dúvida, eles próprios estavam um pouco embriagados também.

Sempre que a palavra Rei é usada, surge na imaginação de um «homem baixo» a imagem de um poder arrogante e implacável. Ele imagina um *Juggernaut* pronto para esmagá-lo. É isso que ele quer, e é isso que normalmente consegue — mas não de um Rei: ele recebe isso de um

desgraçado como ele próprio, e se usasse uma coroa seria um tirano sádico, tal como agora é um escravo masoquista.

Seguem-se algumas interpretações técnicas deste verso.

«Eremitas»: Isso se refere, é claro, ao Terceiro Grau dos Thelemitas, conforme o Capítulo Um, vv. 40–41. «Não pensem em encontrá-los» etc. significa que agora — isto é, neste Aeon — um Eremita não deve viver em reclusão. Os Eremitas de Thelema devem viver *no mundo*, sem ser *do mundo*. Isso, aliás, está em harmonia com a antiga regra dos chamados «Rosacruz».

Deve ser axioma que os homens mais aptos a governar sejam aqueles mais relutantes em fazê-lo. A coroa de um rei é uma coroa de espinhos — se ele for um homem bom e um rei honesto. O TAO TEH CHING — esse Manual de Governo Sensato — se esforça para deixar isso claro.

Um dos maiores desperdícios do Aeon passado foi que os homens mais aptos a ocupar posições de responsabilidade ficavam tão enojados com o animalismo e a estupidez de seus semelhantes que se retiravam para regiões desérticas e passavam a vida em meditação silenciosa. Assim, sua influência civilizadora se perdia para o mundo. Ao mesmo tempo, eles também deixavam de avançar muito no reino do espírito, por terem facilitado demais as coisas para si mesmos. A musculatura espiritual, como a física, só pode se desenvolver além de qualquer condição estática quando confrontada com resistência crescente. Você deve exercitar suas faculdades — e será sábio se procurar problemas cada vez mais difíceis para resolver. Assim, neste Aeon, o caminho do Eremita entra no mundo — e não sai dele.

Nota: Leitores não devem confundir *eremitas* com *monges*. Mosteiros, como conventos, são comunidades sociais. Eremitas vão solitários; monges caçam em bando.

«Bestas de mulheres»: Essa expressão curiosa não deve ser interpretada como depreciativa da mulher. Toda mulher é uma estrela. «Bestas de mulheres» não significa «mulheres bestiais» — ver o versículo 70. Há um significado técnico, e este deve ser deixado ao *Ingenium Certum* do *Philosophus* avançado.

«Cuidado para que algum não force outro» — cuidado ao interferir na Verdadeira Vontade de outrem.

«O dia de vossa ira»: Ver LIBER VII, VII:29–39.

### *Comentário de Liguori*

Este verso apresenta um dos mais sofisticados conceitos da doutrina thelêmica: o paradoxo da reclusão no meio da vida. *Eremitas* aqui não são ascetas enclausurados, mas estrelas ardentes que manifestam sua singularidade no centro do turbilhão humano — em camas de púrpura, em exércitos vitoriosos, entre o prazer, o amor e a guerra. Esta imagem desconstrói radicalmente o estereótipo do espiritual como fuga do mundo. O Eremita de Thelema não se esconde: ele arde. Sua solidão é interior, pois ele não pertence ao mundo ainda que esteja no mundo. Sua presença é um ímpeto de soberania. Ele não se dissolve em dogmas, massas ou ideais coletivos: sua

vida é a expressão de sua Vontade única. O êxtase que o move — sexual, bélico, contemplativo — não é excrescência ou distração, mas sacramento: toda experiência real é eucarística, pois toda estrela verdadeiramente brilhante é a celebração da sua órbita.

Esse modelo de Eremita se conecta diretamente ao *tāntrika* da tradição Kaula da Índia, especialmente ao *vīra*, o *herói* espiritual do caminho da mão esquerda (*vāmācāra*). O *vīra*, desperto, caminha pelo mundo com impunidade — sem medo, sem culpa, sem sujeição. Ele habita os lugares proibidos, os rituais perigosos, os prazeres temidos, e faz disso uma oferenda à Realidade Suprema, porque sua prática se assenta no não-dualismo radical (*advaita*): tudo é Śiva-Śakti, inclusive o sexo, o vinho, a carne e o poder. Como ensina o TANTRĀLOKA de Abhinavagupta,<sup>5</sup> não há separação entre o mundo e o sagrado: a *citi-śakti* manifesta-se tanto na renúncia quanto na embriaguez, tanto na floresta quanto na cama púrpura. O que importa é a consciência desperta, a integração entre prazer e libertação (*bhoga-mokṣa*), característica essencial do *kaulikā*. Assim como o Eremita thelêmico, o *tāntrika* caminha no mundo, mas não é do mundo; está entre as massas, mas não é delas; arde em sua liberdade, sem se apagar na moral, na piedade ou no ascetismo artificial.

A analogia que Crowley traça entre o Eremita e a estrela é também tangível no simbolismo do Tantra: *o homem que usa a coroa* não é feito rei por igrejas ou parlamentos — ele o é porque seu *sahasrāra-cakra*, o lótus de mil pétalas, está ativado. É aqui que o tantrismo e Thelema convergem: a realeza do iniciado se funda em sua auto-realização não-dual, não em títulos, castas ou virtudes convencionais. *O iniciado não pode ser poluído por qualquer ambiente particular* — escreve Crowley — e isso ecoa palavra por palavra o princípio tântrico de que não há pecado para aquele que transcendeu a dualidade. O Tantra ensina que o vício está apenas na ignorância da natureza da realidade, e não nos objetos sensoriais em si.

O que consagra o Eremita como Rei não é sua reclusão, mas sua impassibilidade ativa: ele é o centro da roda, e não sua periferia. No *kaulismo*, esta impassibilidade é chamada *śānta-bhāva*, o estado de quietude interior mesmo em meio ao furor do mundo. Em Thelema, isso se traduz na máxima: *Amor é a lei, amor sob vontade*. Eis o real eremitério: a consciência centrada que transborda pelo mundo sem se perder nele. Esta é a prática secreta dos Eremitas em camas de púrpura — e dos *kaulas* em seus cemitérios. Ambos são livres porque não fingem a santidade: vivem a verdade.

---

<sup>5</sup> TANTRĀLOKA, que significa *A Luz sobre os Tantras*, é a obra magna do filósofo tântrico Abhinavagupta (950–1020 d.E.C.), principal expoente do *Śaivism* da Caxemira, especialmente da escola *Trika* (ou *Pratyabhijñā*). Escrita em sânscrito em estilo poético e técnico, a obra reúne e sistematiza — com profundidade metafísica e refinamento ritual — os ensinamentos esotéricos dispersos em dezenas de *āgamas*, *śāstras* e linhagens de iniciação oral.

Abhinavagupta é considerado um *ācārya* (mestre) deificado, tanto na tradição espiritual quanto na crítica estética indiana. No TANTRĀLOKA, ele apresenta um sistema de libertação baseado no despertar da consciência não-dual (*citi*), identificado com Śiva. A prática envolve o uso ritual de força (*śakti*), *mantras*, visualizações, êxtase místico e transgressão sagrada (*atimārga*), superando dicotomias como puro/impuro, prazer/libertação ou sacro/profano. Seu método é o do *Kaula tantra*, a vertente mais elevada e esotérica da tradição Śaiva. A influência de Abhinavagupta permanece viva no pensamento tântrico, na estética da *rasa*, e na espiritualidade indiana até os dias atuais.

A essa visão integrativa do Eremita como soberano de si mesmo, podemos acrescentar a perspectiva de Julius Evola (1898–1974),<sup>6</sup> filósofo tradicionalista e ocultista italiano, cuja concepção de *realeza espiritual* ressoa profundamente com o arquétipo thelêmico aqui descrito. Em obras como *REVOLTA CONTRA O MUNDO MODERNO* (1934) e *O MISTÉRIO DO GRAAL* (1937), Evola sustenta que a verdadeira autoridade deriva da realização interior e da identificação do indivíduo com o *Princípio Supremo*. O rei legítimo é, para Evola, um ser transfigurado, portador da *função solar*, i.e. o ponto imóvel em torno do qual tudo gira. Esta função não decorre de eleições, sangue ou convenções sociais, mas da entronização da consciência no Eixo do Ser. Assim como o *Eremita thelêmico* e o *vīra kaula*, o *rei iniciático* de Evola não é produto da história, mas da iniciação. Sua vida é *ação sem desejo*, e sua soberania é a radiação de uma ordem interior silenciosa e invencível. Como o *tāntrika* que habita os campos de cremação e o Eremita que arde em camas de púrpura, o verdadeiro Rei caminha entre os homens como um estranho, mas sua presença restabelece o eixo vertical do mundo.

Motta começa por desmontar a leitura sentimental do verso, apontando que *os Reis não estão lutando para torná-los mestres como nós mesmos; eles lutam — quando lutam — para evitar interferências em seus reinos*. Aqui, ele toca um ponto sensível da ética de Thelema: a defesa da soberania espiritual como base da realeza legítima. Não se trata de altruísmo messiânico, mas de não interferência na Vontade alheia — um princípio que remonta à máxima de LIBER AL I:40 e 42: *Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei. Tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade*. A crítica que Motta formula à ideia de *morrer pelos pecados dos outros* é um ataque direto à fórmula osiriana, já superada neste *Æon*.

Quando escreve que *nenhuma igreja pode fazer um Rei, nenhum parlamento pode fazer um Rei*, Motta reitera o princípio gnóstico da iniciação como autoconquista. O símbolo da coroa é correlacionado diretamente com a ativação do *sahasrāra-cakra* — a flor de mil pétalas no topo do crânio, no *yoga tântrico* —, indicando que a realeza espiritual é uma realização interior, não uma imposição social. Neste ponto, há uma convergência nítida com o TANTRĀLOKA de Abhinavagupta, onde lemos: *o Ser, alto-luminoso [...] questiona e responde a si mesmo como se estivesse dividido*,<sup>7</sup> mostrando que a auto-realização é simultaneamente um processo de deificação e de soberania.

---

<sup>6</sup> Julius Evola foi um filósofo, ocultista e pensador tradicionalista italiano, cuja obra atravessa a metafísica, a política e o simbolismo iniciático. Seus escritos, embora frequentemente polêmicos, são especialmente notáveis por sua defesa de uma aristocracia espiritual fundada na *autossuficiência iniciática* e no ideal do *indivíduo solar*. Em *REVOLTA CONTRA O MUNDO MODERNO* (1934), Evola delinea o contraste entre o ciclo degenerativo da história profana e os valores eternos das civilizações tradicionais, destacando que o verdadeiro poder é vertical, interior e conquistado pelo rito e pelo autoaperfeiçoamento, não por herança ou votos. Já em *O MISTÉRIO DO GRAAL* (1937), ele identifica o Graal como símbolo da reintegração do Homem à sua origem divina, tal qual o Iniciado realiza sua própria realeza por meio da superação do mundo e da união com o Absoluto. Essas formulações coincidem notavelmente com a doutrina de Thelema, sobretudo na ideia de que *todo homem e toda mulher é uma estrela* e na exaltação da soberania individual baseada na Verdadeira Vontade — não como licença arbitrária, mas como expressão precisa da Ordem Cósmica. A convergência entre Evola e Crowley se revela, assim, no reconhecimento comum de que o poder real provém do êxtase da Consciência desperta e de sua fidelidade a um Eixo transcendente.

<sup>7</sup> Abhinavagupta. TANTRĀLOKA. Editado e anotado por Mark S.G. Dyczkowski. Varanasi, 2023, p. 14–15.

Ao citar o TAO TE CHING como *esse Manual de Governo Sensato*, Motta invoca diretamente a tradição política taoísta, cuja visão do governante está expressa nos versos 17 e 66 do texto clássico: *O melhor governante é aquele de quem as pessoas mal sabem que existe* (verso 17) e; *Por que os rios e mares governam os cem rios? Porque estão abaixo deles* (verso 66). Isso reforça a ideia de que *a coroa de um rei é uma coroa de espinhos*, pois o governante legítimo é aquele que assumiu o peso de sua própria alma antes de projetar autoridade sobre os outros.

A imagem do *juggernaut* — termo inglês derivado de *Jagannātha*, uma divindade hindu associada a procissões em carros gigantes — é empregada para ilustrar como os *homens baixos* projetam tirania sobre o poder legítimo. Em seu uso moderno, *juggernaut* representa uma força esmagadora e impiedosa. Motta ironiza: *É isso que ele quer, e é isso que normalmente consegue — mas não de um Rei: ele recebe isso de um desgraçado como ele próprio*. Aqui, ele distingue o poder legítimo, centrado no espírito, da caricatura autoritária nascida do medo e da servidão.

O trecho *há um significado técnico, e este deve ser deixado ao Ingenium Certum do Philosophus avançado* exige ser interpretado à luz do LIBER ASTARTE, onde lemos: *Mas isto deve ser feito de acordo com o correto Ingenium do Philosophus pela luz do LIVRO 777 durante o curso de sua devoção*. E ainda: *Deixe o Philosophus preparar uma invocação poderosa da Deidade em particular, de acordo com seu Ingenium (espírito, habilidade)*. Ou seja, certas passagens dos Libri de Classe A e instruções só podem ser plenamente compreendidas pela experiência extática e pela maturidade espiritual daquele que já domina a técnica e a arte da magia em seu próprio grau. Trata-se de uma chave de leitura reservada à experiência iniciática e não à mera análise literalista.

Por fim, Motta remete ao LIBER VII (VII:29–39), onde o *Dia da Ira* é descrito como *a floresta das lanças do Altíssimo*, e o Eremita que nele caminha porta o cálice — símbolo do sacrifício e da missão espiritual. *A música de minhas lanças será uma canção de liberdade*, diz Hadit, sintetizando a mais alta missão dos Reis thelêmicos: libertar, não subjugar. A luta não é contra os fracos, mas contra a falsidade e a ignorância que os acorrenta.

### *Contra Vulgi Vox: Contra a Voz do Vulgo*

Este título exprime a oposição essencial entre os *escolhidos* e o *povo*, tal como enunciada no versículo: uma distinção de ordem espiritual, não sociológica. *Vulgi vox* — a voz da multidão — representa a inconsciência coletiva, a moral de rebanho, o atavismo dos que recusam sua divindade. O verdadeiro Iniciado é *contra* isso: ele se erige como centro, como estrela autônoma. Assim, este título sintetiza a doutrina da aristocracia espiritual, tema central do comentário.

## 25. Vós sois contra o povo, Ó meus escolhidos!

### *Comentário de Crowley*

Por «povo» é significado aquela corja de cães de cauda entre as pernas, servil, rastejante e ganindo, que se recusa a admitir sua própria divindade. A turba está sempre com medo de que lhe falte o pão e a manteiga — quando seus tiranos lhes permitem que tenha pão e manteiga — e hoje em dia a manteiga virou margarina e o pão é de farinha «depurada» de suas vinte e tantas vitaminas naturais, à qual os tiranos acrescentam duas ou três gotinhas de vitamina «sintética». Assim, tendo medo, ela não se atreve a lutar. E quando o barulho começar, nós, os aristocratas da Liberdade, quer vivamos em barracos ou em castelos, teremos essa corja contra nós.

Num plano mais profundo, há um significado neste verso que pode ser aplicado ao processo de iniciação pessoal. Por «povo» nós podemos compreender aquela multidão mutável e de mil cabeças que pulula nos cortiços de nossas próprias mentes. A maior parte dos homens está quase inteiramente à mercê de uma massa de emoções vis e gritantes, sem disciplina ou sequer organização. Inclina-se de acordo com o impulso do momento. Não tem propósito, previsão, nem inteligência. São movidos por instintos ignorantes e irracionais, muitos dos quais afrontam a própria lei de autopreservação com uma estupidez suicida.<sup>8</sup> A ideia moral que nós chamamos povo é a inimiga do bom governo. Aquele que é «escolhido» por Hadit para Rei deve ser, conseqüentemente, «contra o povo» se ele há de seguir qualquer política consistente. Os vermes combinados do «amor» devoraram Marco Antônio, como devoraram Abelardo. Por este motivo, a primeira tarefa do Aspirante consiste em desarmar todos os seus pensamentos, tornar-se impregnável à influência de qualquer deles; e isto ele pode conseguir pelos métodos dados em LIBER ALEPH, LIBER JUGORUM, THIEN TAO e em outros lugares.<sup>9</sup> Segundo, deve impor completo silêncio sobre eles, como pode ser feito pelas práticas de «Yoga» ensinadas no LIVRO QUATRO (Parte I), LIBER XVI etc. Ele, então, está pronto para analisá-las, para organizá-las, para treiná-las, e para utilizar as propriedades peculiares a cada uma delas empregando-lhes as energias em seu propósito imperial.<sup>10</sup>

### *Comentário de Motta*

O reino de um homem pode ser tão pequeno quanto uma família com filhos, ou uma casa de penhores; pode ser tão grande quanto uma corporação industrial ou uma nação inteira. Isso não altera em nada a mecânica da arte

---

<sup>8</sup> [Nota de Motta]: Isto é produto do atavismo, de instintos que foram perfeitamente válidos em outro tempo e em outro ambiente. Mas recusar-se a adaptar-se a novas condições é seguir o caminho do dinossauro. Veja LIBER ALEPH, §§ 124–132.

<sup>9</sup> Veja Aleister Crowley. KONX OM PAX. Teitan Press, 1990.

<sup>10</sup> [Nota de Motta]: Mais uma observação sobre o aspecto político deste verso é necessária. O conceito de «povo» é inimigo do conceito de nós mesmos como estrelas. Quando cada cidadão age conscientemente, o «povo» — que não é mais que o conjunto de cidadãos — age conscientemente. Mas quem apela para a ideia de «povo» apela para a ignorância. A psicologia das multidões é reconhecidamente pior que a das bestas. Existe até uma equação para o coeficiente de inteligência de uma multidão: é igual ao coeficiente de inteligência mediano dos membros divididos pelo número deles. Conseqüentemente, quanto maior o populacho, mais estúpido.

do autogoverno, que é o primeiro passo para o governo de outros (que deve — se você é um verdadeiro rei — sempre ser relativo às suas posições particulares como estrelas espirituais no espaço espiritual do Corpo de Nuit). Veja a edição de A.C. do TAO TEH CHING.

A ideia de «Povo», no entanto, ao aglomerar todos os indivíduos — por mais diversos que sejam em natureza, atividade ou interesses — em um monstro estatístico sem cabeça, é mortalmente enganosa para a liberdade. Você perde a árvore por causa da floresta — e você é a árvore. Não importa absolutamente nada o que os outros pensam ou fazem; «todo número é infinito». Sua única opinião individual colocada num dos pratos da balança pesa tanto quanto as opiniões de todas as outras estrelas reunidas no outro prato, pois sua órbita está «em repouso» — isto é, sua meta é o Infinito, como também a delas, o que significa que sua órbita é uma função, ou resultante, de todas as delas. É isso que a torna única — e, portanto, tão importante quanto todas as outras. O «povo», portanto, se corretamente compreendido, jamais poderá ser mais importante do que você. Os pratos pesam o mesmo, pois o Universo está equilibrado — está «em repouso». É claro que você é a «resultante» do povo, do ponto de vista do «povo». (Mas não existe «ponto de vista do povo» — apenas os pontos de vista de todas as outras estrelas, considerados globalmente apenas por conveniência de pensamento.) Mas, no mesmo sentido, o «povo» é uma resultante de você. E esta perspectiva é sólida, prática e real, enquanto a outra é meramente uma abstração filosófica. O jardineiro de Luís XIV tinha tanto direito quanto o rei de dizer: *L'État, c'est moi* (*O Estado sou eu*). Isto é: se ele era tão bom jardineiro quanto o rei era rei. Isto explica o poder das revoluções, assim como a crença universal nos reis.

#### *Comentário de Liguori*

Este versículo revela uma das afirmações mais radicais da doutrina thelêmica: a distinção ontológica entre os escolhidos e o povo. Tal distinção não é política ou social, mas espiritual. Aqui, *povo* representa o aglomerado amorfo das consciências não despertas, dos que ainda não reivindicaram a soberania da Verdadeira Vontade. É o reino dos muitos, da massa indistinta, onde não há estrela, mas sombra coletiva. Os *escolhidos* são aqueles que, tendo encontrado sua Vontade, se erguem acima da moral comum, acima do medo, acima da dependência. Eles não pertencem à espécie espiritual do rebanho. Vivem como deuses entre homens. Tal afirmação não implica ódio ou desprezo pelo povo, mas uma posição intransigente: a iniciação é uma função solar, não populista. O *Logos* não busca agradar, mas gerar. A estrela não se curva ao abismo, mas o ilumina.

Inicialmente, em seu comentário, Aleister Crowley define o povo como *aquela corja de cães de cauda entre as pernas, servil, rastejante e ganindo, que se recusa a admitir sua própria divindade*. O tom é duro, porque a verdade é dura: toda moral servil é uma mentira contra o Sol. Em uma era dominada pelo igualitarismo moral, pelo sentimentalismo democrático e pela glorificação da fraqueza, Crowley proclama a aristocracia da alma como a

verdadeira distinção espiritual. *Nós, os aristocratas da Liberdade, quer vivamos em barracos ou em castelos*, ele diz, apontando que a verdadeira nobreza não reside na forma, mas no Fogo. Julius Evola chamará isso de *Realeza Espiritual*, e afirmará em REVOLTA CONTRA O MUNDO MODERNO que *a autoridade autêntica só pode emanar de quem realizou em si mesmo o Principio*.<sup>11</sup> O thelemita autêntico, como o rei iniciático de Evola, é um portador do Eixo. Seu PHALLUS é a Coluna Solar, e sua Vontade é Lei.

Crowley vê no thelemita um aristocrata não por origem ou casta, mas por realização espiritual. *O Rei é, antes de tudo, Rei de sua própria alma*, diz Motta, ecoando a ideia central do *sahasrāra-cakra* ativado como coroa real. Essa realeza não é concedida, é conquistada. Ela não se impõe pelos meios sociais, mas pela alquimia da vontade. O aristocrata de alma é aquele que, portando o PHALLUS Sagrado, consagrou sua existência como um sacramento do Poder Criador. Ele não vive pela moral do rebanho, mas pela Lei de Thelema. É senhor, e não servo. Sua força é solar, sua ética é a do PHALLUS que ordena o Caos.

A espiritualidade aristocrática é a afirmação de que a Verdade não é coletiva. Que cada estrela deve brilhar por si, e que não há salvação para os que recusam a Luz. Crowley, Nietzsche (1844–1900)<sup>12</sup> e Evola convergem nesse ponto: a nobreza verdadeira é interior. E ela se manifesta quando o Iniciado se torna um centro: não mais um ponto no turbilhão do mundo, mas o eixo em torno do qual o mundo gira. O aristocrata de alma é aquele que, tendo empunhado a Lança de sua Vontade, governa o caos com silêncio e fogo.

Não se trata de elitismo social, mas de hierarquia espiritual. Como afirma Julius Evola: *a Virilidade é uma função solar. O homem viril não é aquele que copula, mas aquele que, tendo consagrado seu PHALLUS como bastão mágico, governa o invisível*.<sup>13</sup> O aristocrata thelêmico não é um governante do mundo externo, mas do mundo invisível. Ele governa a si mesmo. Por isso ele é contra o povo: não por desprezo, mas porque ele não é deles. Ele é escolhido. Ele é Rei. E toda sua vida é a proclamação da Lei: *Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei*.

O comentário de Crowley sobre AL II:25 propõe ainda um entendimento iniciático e psicológico da relação entre o *Rei* e o *Povo* como arquétipos internos. Ele afirma que, em um nível mais profundo, o *povo* representa a massa caótica de pensamentos, emoções e instintos que habitam a psique humana — uma multidão irracional, reativa, confusa. O *Rei*, por outro lado, é a centelha central da Vontade, o núcleo solar da consciência. Deste modo,

---

<sup>11</sup> Julius Evola. REVOLT AGAINST THE MODERN WORLD. Inner Traditions, 1995, pp. 253.

<sup>12</sup> Friedrich Nietzsche foi um filósofo alemão cuja obra exerceu impacto duradouro sobre a filosofia, psicologia, crítica cultural e *esoterismo* moderno. Conhecido por sua crítica à moral cristã, à metafísica tradicional e às ilusões igualitárias do Iluminismo, Nietzsche propôs a superação do homem moderno através do *Übermensch* (além-do-homem) e da *Vontade de Poder* como princípio fundamental da existência. Sua defesa de uma ética aristocrática, fundada na afirmação trágica da vida e na criação de valores a partir do centro solar do indivíduo, ecoa poderosamente em Thelema e no conceito de *aristocracia espiritual* tal como formulado por Crowley e Evola. Suas obras principais incluem ASSIM FALOU ZARATUSTRA (1883–85), ALÉM DO BEM E DO MAL (1886) e A GENEALOGIA DA MORAL (1887). Nietzsche foi canonizado como Santo pela *Ecclesia Gnostica Catholica* da O.T.O.

<sup>13</sup> Julius Evola. THE METAPHYSICS OF SEX. Inner Traditions, 1991, pp. 178.

Hadit — a essência da Vontade — escolhe aquele que supera o caos interno e se afirma como centro ordenante, como Soberano de si mesmo.

Nesse contexto, Crowley diz que o Aspirante deve primeiro *desarmar todos os seus pensamentos*, ou seja, tornar-se invulnerável às flutuações do psiquismo. Para isso, ele recomenda um curso específico de estudo e prática espiritual baseado em quatro textos essenciais:

**LIBER ALEPH:** uma série de epístolas doutrinárias e alquímicas onde o Mestre Therion (Crowley) instrui seu Filho Mágico sobre o Caminho. É central para o entendimento da relação entre a Vontade e a adaptação evolutiva do ser, especialmente nos §§ 124–132, citados por Motta, que lidam com o inconsciente, a libido e os resíduos atávicos que ainda pesam sobre a alma moderna.

**LIBER JUGURUM:** um exercício de disciplina mental rigorosa que busca treinar a consciência a evitar qualquer manifestação verbal ou gestual indesejada, impondo punições a si mesmo como forma de educação da Vontade. Ele é fundamental para a aquisição do poder inibitório que possibilita a transição de *pratyāhāra* para *dhāraṇa*.

**LIBER THIEN TAO:** um ensaio alegórico e político que retrata a sabedoria do Tao como equilíbrio dinâmico entre opostos. Kwaw, o filósofo, propõe uma educação baseada na correção equilibrante dos extremos. Esse texto ensina que o treinamento espiritual verdadeiro consiste em fazer com que a alma conheça o *Dào* pela transgressão dos limites da própria estrutura, até atingir um novo centro de gravidade espiritual.

**LIVRO 4 (Parte I – Misticismo):** oferece os fundamentos técnicos da prática mística (*āsana*, *prāṇāyāma*, *pratyāhāra*, *dhāraṇa*, *dhyāna*, *samādhi*), ensinando como acalmar o corpo, disciplinar a mente, e superar o dualismo entre sujeito e objeto por meio da meditação. Ele apresenta o processo de reintegração do ser a partir da aniquilação do Ego, e prepara o terreno para que o *Rei* interior governe com silêncio e fogo.

Esse trecho final do comentário de Crowley estrutura uma pedagogia iniciática completa: a subjugação do caos interior por meio da disciplina da mente (**LIBER JUGURUM**), da correção alquímica do inconsciente por meio de reflexões filosóficas (**LIBER ALEPH**), da superação dos desequilíbrios sociais e pessoais pelo equilíbrio dinâmico do *Tao* (**LIBER XLI**), e da conquista mística do centro de Vontade (**LIVRO 4**). Essa é a fórmula da realeza iniciática do *Faz o que tu queres* — não política, mas metafísica.

Motta encerra com maestria a exegese deste versículo ao aplicar a doutrina thelêmica à esfera política e social sem jamais perder de vista o seu fundamento metafísico. Sua recusa da ideia abstrata de *povo* não se apoia num elitismo vulgar ou num cinismo sociológico: ela deriva de uma ontologia estelar, baseada no axioma do **LIBER AL VEL LEGIS I:3** — *todo homem e toda mulher é uma estrela*. A crítica de Motta à noção de *povo* como *monstro estatístico sem cabeça* é profundamente thelêmica: dissolve-se aqui o coletivo como entidade dotada de vontade própria, e reafirma-se que apenas o indivíduo é real, pois só o indivíduo pode realizar sua Verdadeira Vontade.

O modelo cósmico de Nuit, em que cada estrela é única e soberana em sua órbita, serve de contrapeso à abstração tirânica do *povo*. Motta acerta ao dizer que *você é a árvore* — pois só há liberdade onde há identidade, e só há identidade onde há centro. Todo magista que realiza sua Vontade torna-se esse centro, esse ponto fixo do infinito em torno do qual o universo se ordena. Nesse sentido, não há massa que possa suplantar o valor de uma consciência desperta. A singularidade da Verdadeira Vontade pesa tanto quanto a soma total das vontades adormecidas — porque, no plano da Lei de Thelema, o peso não é quantitativo, mas qualitativo, vibracional, estelar.

Ao invocar o TAO TEH CHING e a máxima atribuída a Luís XIV<sup>14</sup> — *L'État, c'est moi* — Motta evoca duas tradições: a da sabedoria silenciosa do *Tao* como arte de governo interior (e do Rei como homem que não força, mas ordena por ser ordenado), e a da realeza solar como expressão da função espiritual. Mas ele faz isso sem resvalar para a mitologia do direito divino: tudo depende da competência, do grau de realização. O jardineiro que realiza plenamente seu *dharma*<sup>15</sup> possui o mesmo valor ontológico do rei — desde que ambos sejam estrelas verdadeiras. Esta é a base da hierarquia iniciática: não o título, mas a realização.

É por isso que a política da Lei de Thelema não é liberal nem democrata em sentido moderno: ela é aristocraticamente iniciática. Cada estrela deve realizar sua própria órbita, e a liberdade é a lei do movimento autêntico. O *governo dos outros* só é legítimo quando nasce do autogoverno. Eis a equação precisa da realeza em Thelema: reinar é realizar a própria órbita. E somente quem já reina sobre si pode irradiar luz.

### *Serpens Secretus: A Serpente Secreta*

Este título retoma diretamente a primeira frase do versículo e concentra sua simbólica: Hadit como a Serpente Secreta é o poder interno da consciência, a centelha do Fogo Íntimo, o PHALLUS Sagrado da Criação. Enroscada, ela é alegria potencial; erguida, ela realiza a união com Nuit; abaixada, ela fecunda a Terra com seu veneno extático. O título resume, portanto, a doutrina esotérica da energia mágica — sexual, cósmica e sacramental — como veículo da união divina.

---

<sup>14</sup> Luís XIV (1638–1715), também conhecido como *o Rei Sol (le Roi Soleil)*, foi rei da França de 1643 até sua morte, e é amplamente reconhecido como o símbolo máximo do absolutismo monárquico na Europa. Seu reinado de 72 anos foi o mais longo da história europeia registrada. A célebre frase *L'État, c'est moi* (*o Estado sou eu*), atribuída a ele, resume sua concepção de soberania: o rei como encarnação do Estado e da ordem política. Embora a veracidade histórica da frase seja debatida, ela expressa perfeitamente a doutrina absolutista do direito divino dos reis — onde o monarca não governa por delegação, mas por centralidade ontológica. Ao reinterpretá-la em contexto thelêmico, Motta desloca o sentido da frase de um dogma político para uma afirmação iniciática: o Estado é aquele que realiza integralmente sua Verdadeira Vontade, não importando se é rei ou jardineiro.

<sup>15</sup> *Dharma* é um termo sânscrito de ampla aplicação nas tradições espirituais da Índia; deriva da raiz *dhr*, que significa *sustentar, manter, conservar*. Em seu sentido mais profundo, designa a ordem cósmica e moral que sustenta o universo — e, ao mesmo tempo, o dever próprio de cada ser, o *caminho correto* conforme sua natureza essencial (*svabhāva*). No Hinduísmo, Budismo e Jainismo, *dharma* é simultaneamente lei universal e dever pessoal, variando de acordo com a casta, estágio da vida, temperamento e contexto. Em contexto tântrico ou thelêmico, como neste comentário, *dharma* é compreendido como a expressão singular da Verdadeira Vontade de um indivíduo, sua função espiritual no Todo, que, ao ser plenamente realizada, harmoniza o indivíduo com o Cosmos — como uma estrela que cumpre sua órbita.

**26. Eu sou a secreta Serpente enroscada a ponto de pular: em minhas roscas há alegria. Se Eu levanto minha cabeça, Eu e minha Nuit somos um. Se Eu abaixo minha cabeça, e ejaculo veneno, então há raptura da terra, e Eu e a terra somos um.**

*Comentário de Crowley*

O poder mágico é universal. O Homem Livre o dirige como quer. Deixem-no em paz, ou Ele vos fará arrepender-vos de terdes tentado interferir.

Existe aqui uma referência aos dois tipos principais das *Orgias*<sup>16</sup> de Magia; eu já me referi a este assunto no Comentário. Observe-se que no trabalho «místico» a união ocorre espontaneamente; no outro, veneno é ejaculado. Isto desperta a terra para a raptura; não, até então, a união pode ocorrer. Pois quando trabalhamos nos planos de manifestação, os elementos devem ser consagrados e tornados «Deus» por virtude de um rito definido.

*Comentário de Liguori*

Este é um dos versículos centrais da metafísica de LIBER AL, pois revela o mistério da dualidade extática de Hadit: sua união com Nuit (o Espírito) e sua união com a Terra (a Matéria). Ambas ocorrem através do mesmo poder: o da Serpente Secreta, o poder da *kuṇḍalinī*, que é também o Fogo Secreto, o PHALLUS Mágico e o Verbo em ato. Esse poder serpentino, quando enroscado, é potencialidade; quando erguido, é êxtase; quando lançado à Terra, é veneno fecundante, magia em operação. Essa *ejaculação de veneno* é símbolo da raptura mágica: a consagração do mundo pela Vontade do magista. Em termos práticos, trata-se da capacidade de unir êxtase e ação, contemplação e força, magia e manifestação. A união com Nuit é a via do místico. A união com a Terra é a via do mago. Em ambas, a Serpente é a chave: ela arde, enrosca-se e salta — como o raio, como a Lança.

Hadit, ao afirmar-se como a *secreta Serpente*, apresenta-se como *Śiva-Kuṇḍalinī*, a força criadora da consciência divina que pode tanto iluminar quanto destruir. A cabeça levantada é a ascensão extática do *yogī*; a cabeça abaixada é a descida do poder mágico para transformar a realidade. Esta é a operação do verdadeiro *tāntrika*: não renuncia ao mundo, mas o consagra pela ejeção da sua Vontade. Esta Serpente é também a Lança do IXº O.T.O., e seu *veneno* é o sêmen mágico transubstanciado — o fluido de consagração por excelência. Por isso Crowley escreve: *quando trabalhamos nos planos de manifestação, os elementos devem ser consagrados*. A magia verdadeira só se consome quando o microcosmo é fecundado pelo *Logos* solar. O enigma do verso é justamente este: o magista não deve apenas erguer sua cabeça em êxtase — ele deve também, e sobretudo, consagrar a Terra com seu veneno. Eis a fórmula: elevar para se unir a Nuit; lançar-se para fecundar a Terra. Magia é o ciclo completo da Serpente.

Crowley afirma que *o poder mágico é universal*, mas destaca que este deve ser dirigido pela Vontade. A verdadeira magia, portanto, não é uma

---

<sup>16</sup> Do latim, *ritos secretos*. Por este termo, *orgia*, Crowley se refere a *operações* de magia, *trabalhos* de magia.

descarga emocional, mas uma operação consciente. É neste contexto que ele distingue entre o trabalho *místico*, onde a união ocorre espontaneamente (*Eu e minha Nuit somos um*), e o trabalho *mágico*, onde há ejaculação de veneno (*Eu e a Terra somos um*). Esta ejaculação é a consagração. E essa consagração, como ele ensina em LIVRO 4 (Parte III), é a dedicação de um objeto, ato ou substância à única finalidade de tornar-se *Deus* — i.e. um canal da Vontade Pura do magista.

No *Capítulo XIV – Das Consagrações*, Crowley define com precisão: *A consagração é a dedicação ativa de uma coisa a uma única finalidade. [...] A consagração é realizada através do fogo, geralmente simbolizado pela lâmpada sagrada.*<sup>17</sup> Ele ensina que o método é simples, mas exige precisão e fervor: deve-se utilizar a varinha ou o óleo sagrado para traçar sobre o objeto a ser consagrado o símbolo supremo da força a que se dedica, e então invocar o Deus correspondente para habitar aquele templo preparado. A operação é um sacrifício consciente — e nesse sentido, a *ejaculação de veneno* simboliza a transferência mágica de poder ao plano da Terra.

Portanto, quando Crowley afirma que *não, até então, a união pode ocorrer*, ele indica que não há verdadeira união com a Terra — ou seja, não há transmutação do Mundo — sem o ato mágico de consagrar. A Serpente que salta realiza a magia teúrgica da encarnação da Vontade no real: a Terra só se transforma pela ejaculação do veneno — pelo selo mágico da Vontade Pura. Tal é o sentido profundo da magia sexual no IX° O.T.O.: a Lança deve ferir o Mundo. Não como destruição, mas como consagração. A Lança deve impregnar o Mundo com sua Força.

Esta operação é sempre a repetição ritual da Criação. Ao consagrar, o magista encarna o *Logos*. Seu veneno é luz comprimida. E quando Hadit diz que *Ele e a Terra são um*, afirma que o próprio Deus se fez carne no ato mágico. O *Verbo* se fez veneno, e o veneno é êxtase encarnado. Esta é a fórmula do Novo *Æon*: a união com Nuit é mística; a união com a Terra é mágica. Ambas consagram a Serpente. E toda estrela deve enroscar-se, arder — e saltar.

## **THELEMA VS VĀMĀCĀRA: UMA CONVERGÊNCIA DE METAFÍSICAS**

A metafísica de Thelema, conforme delineada em *LIBER AL VEL LEGIS*, na estrutura da A:A: e da O.T.O., converge de modo surpreendentemente próximo à tradição tântrica *vāmācāra* do *Śaivismo* da Caxemira. Ambas as tradições partem de um não-dualismo absoluto, onde a consciência suprema — Hadit em Thelema, *Śiva-caitanya* no Tantra — manifesta-se no jogo dinâmico da criação através da potência feminina — Nuit ou *Śakti*. O universo é o resultado de uma dança extática entre imanência e transcendência, não uma ilusão a ser negada, mas uma expressão sagrada a ser consagrada. A

---

<sup>17</sup> Aleister Crowley. *MAGICK: LIBER ABA, BOOK 4*. York Beach, ME: Weiser Books, 1997, pp. 214.

sexualidade, o desejo, a encarnação e até a *ejaculação do veneno* não são quedas, mas liturgias do Absoluto.

No *Śaivismo Trika* da Caxemira — a tradição filosófica mais refinada da Índia, representada por mestres como Abhinavagupta (950–1020) — esta visão atinge sua mais elevada formulação metafísica, estética e litúrgica. O universo é *spanda*, vibração divina. O *yogī* realiza sua identidade com *Śiva* através da integração da experiência — e não pela renúncia. Tudo é oferecido à consciência suprema como rito e arte: *bhoga* (prazer) e *mokṣa* (libertação) são inseparáveis. A união sexual é *maithunā*, sacramento do Absoluto. O mundo não é pecado — é templo. A dualidade é ignorância. *Citi* é tudo.

Thelema herda esse espírito. Hadit, a Serpente Secreta, é a consciência centrada no Coração do Sol; Nuit é o corpo de estrelas em que toda forma é amada. A magia thelêmica é uma teurgia tântrica: pela união do PHALLUS e do Graal, realiza-se a Grande Obra — a manifestação plena da Verdadeira Vontade. O *Logos* se faz carne. O PHALLUS é a Lança de Deus. A estrela brilha em sua órbita porque já é divina.

Assim, não é ousado afirmar: Thelema, ao se alinhar de forma tão íntima e orgânica com o mais alto sistema de filosofia mística da Índia, pode reivindicar para si o posto de tradição filosófica mais refinada e sofisticada do *esoterismo ocidental*. Sua doutrina une Abhinavagupta e Nietzsche, Śiva e Hórus, Tantra e Magia. Como ensina LIBER AL, *todo homem e toda mulher é uma estrela* — e cada estrela, no Tantra ou em Thelema, é um templo do Absoluto.

## **CONCLUSIO: DE THELEMA ET INITIO SOLIS**

O tríptico formado pelos versículos 24, 25 e 26 do Capítulo II de LIBER AL VEL LEGIS constitui não apenas um ensinamento esotérico, mas uma ruptura decisiva com o paradigma moderno. Neles, Thelema se apresenta como a mais ousada e refinada expressão da espiritualidade solar no Ocidente: um caminho de aristocracia mágica, de soberania espiritual, de consagração orgiástica do mundo através da Vontade. O Eremita ardente, o Rei que pisa os homens baixos, e a Serpente que ejacula o veneno mágico — estas são três faces de Hórus.

A Lei de Thelema não é uma ética social. É uma ontologia de luz: uma ciência da soberania interior. Ela não busca o bem comum, mas a realização da Verdadeira Vontade — que é, por definição, única, solar, intransferível. O verso 24 revela que a santidade não está no ascetismo, mas no gozo e na realeza interior. O verso 25 afirma a rejeição do populacho — a recusa do magista em dobrar-se à opinião pública, à moral dos fracos, à ditadura da maioria. E o verso 26 proclama que a Terra é raptada, sacralizada, fecundada — não por misericórdia, mas por veneno. Por Fogo. Por PHALLUS.

É preciso dizer com toda clareza: Thelema é contra qualquer ideologia social que busque nivelar o espírito humano. A Lei não é inclusiva. Não há

salvação coletiva. O feminismo, o *queerismo*, as políticas de identidade e todo o complexo de vitimização que define a modernidade não passam de máscaras da culpa, da fraqueza e da castração espiritual. Thelema repele tais doutrinas não por reacionarismo — mas por lucidez iniciática. Pois toda ideologia que nega o Sol e exalta a Sombra, que rejeita o *Logos* e abraça o Caos amorfo, está em oposição frontal à Lei da Vontade.

Crowley já alertava: *toda moralidade herdada é uma mentira contra o Sol*. Julius Evola aprofundou: *o igualitarismo é a morte do espírito*. O Tantra Kaula — irmão secreto de Thelema — jamais cedeu à moral bramânica. Do mesmo modo, o thelemita verdadeiro jamais se curva à cultura de ressentimento. Ele não precisa pedir perdão por existir. Sua estrela brilha por direito divino. Ele não quer ser aceito: ele quer vencer.

A Verdadeira Vontade não se justifica: ela é. E aquele que a realiza não busca mudar o mundo — ele o fecunda. Seu ato é mágico, e sua presença é uma consagração. Ele não busca agradar ninguém. Ele governa. Ele deseja. Ele arde.

O Novo Æon nasceu sob o signo da Estrela e da Serpente. Não da empatia vulgar, mas do entusiasmo energizado. Não da reparação social, mas da realização solar. Não da culpa, mas da magia. Não da democracia — mas da Coroa. A única verdadeira realeza é a de quem realizou sua Vontade. E este é o único mandamento da Lei: *Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei*.

*Amor é a lei, amor sob vontade*

A publicação de OS COMENTÁRIOS DO AL por Marcelo Ramos Motta em 1975 e.v. constituiu um marco definitivo na história contemporânea da A·A·: e na transmissão moderna da Lei de Thelema. Pela primeira vez desde a morte de Aleister Crowley (1875–1947), LIBER AL VEL LEGIS foi publicado com Imprimatur Oficial da A·A·:, acompanhado de notas autorizadas e do aparato interpretativo de um Præmonstrator vivo, herdeiro direto da cadeia iniciática. Essa edição não foi apenas um gesto editorial, mas um ato mágico e profético: reabriu formalmente o *Período de Discurso* da A·A·: e restaurou a sucessão espiritual visível entre Aiwass, Crowley, Karl Germer e Marcelo Motta.



A presente edição de OS COMENTÁRIOS DO AL é publicada como O OLHO DE HOOR, Vol. II, No. 1, e traz de volta, na íntegra, os comentários originais de Motta tal como escritos por ele entre 1973 e 1975 — incluindo os trechos omitidos nas edições brasileiras publicadas até o presente. O livro será acrescido de comentários exegéticos do Præmonstrator do *Outer College Brasil*, cruzando LIBER AL com LIBER VII, LIBER LXV, LIBER 418 e outros *Libri* thelêmicos essenciais, compondo um corpus doutrinário fiel à *Corrente 93*.

Este livro deve ser compreendido como um verdadeiro talismã mágico da *Corrente 93*. Sua publicação original, em 1975, foi considerada o estopim do renascimento mundial da A·A·:, sendo reconhecida por autores como J. Daniel Gunther como o momento em que *o movimento thelêmico mundial se tornou vivo*.

Esta nova edição honra esse legado, atualizando o comento para uma nova geração de thelemitas em português. Que este volume seja recebido como uma obra ritual, um documento iniciático e um testamento vivo da *Corrente 93*.